

# A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

ALCINDO DIAS PEREIRA

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia de A VELHA GUARDA: Rua 31 de Janeiro, 165—GUIMARÃES

## Serenidade

Reapareceu a "Velha Guarda", na sua terceira fase, na ocasião em que, por um desnecessário acto de violência, a Câmara Municipal d'este concelho foi impedida de funcionar, e sem que a força, que nos governa, tivesse sido, ou pudesse vir a ser importunada na sua acção, pelo facto de continuarem, pacificamente e dentro das suas atribuições legais, a gerir o Município, os homens que o povo vimaranense para isso tinham escolhido.

A "Velha Guarda", formou e tomou uma posição de combate sem qualquer intenção, que seria risível, de combater o movimento de 28 de Maio; não seriam as inofensivas beliscaduras de um modestíssimo jornal de província que poderiam abrir brecha num baluarte que, segundo as afirmações oficiais, tem a defendê-lo toda a tropa portuguesa. A posição da "Velha Guarda", é sómente de ataque, vivo e sem tréguas, contra aqueles homens que, assenhoriando-se da administração municipal, não podem, pela sua... fazer progredir esta terra, nem mesmo impedir que os restantes, alvo também do nosso combate, transformem o cargo, que o governo lhes confiou, em gasua com que consigam penetrar e navegar no corpo eleitoral deste concelho.

A «Velha Guarda» queria e quer, sómente, defender os interesses de Guimarães; a sua acção não se exerce fóra do limitado âmbito da política administrativa local.

E' uma atitude natural e legítima que nunca poderia inquietar o Governo do Estado, fôsse qual fôsse esse Governo.

Justamente, por assim ser, nunca a Censura teve que nos cortar uma só palavra, até ao momento em que, por motivos que não queremos agora perscrutar nem discutir, nos amputou tódá a parte não noticiosa do número de 17 de Setembro.

Surpreendê-nos tamanha reviravolta, que umas novas instruções, que nos foram distribuídas, depois d'esse numero impresso, de exercer a acção que nos propuséramos, entendemos que só uma resolução se nos impunha, a de suspender a publicação. Assim o comunicamos a todos os nossos leitores,

## SÁTIRAS MODERNAS...

(SECÇÃO ALEGRE)

I V

### Epístola ao Senhor-Diabo

Presado Lucifer:

Há tempos que acabámos  
Co' aquelas relações do tu cá e tu lá...  
Caminhos desiguais há anos nós trilhámos  
E não cantámos mais o rubro cá-irá!...

Mas que noites de orgia as noites que passámos!...  
Excedemos no gozo o gozo de um Pachá!...  
Contra o *burguez pançudo* altivos conspiramos  
E tentámos prender o velho Jehovah!...

Tudo, tudo acabou!... Que saudade, ó velho,  
Do tempo que se foi e que se foi tam breve!...  
Olha, cá p'ró rapaz, não tens aí abrigo?!

Isto cá pela terra é tal qual um espelho  
Dos sete circ'los teus que o Dante nos descreve!...  
Estou, pois, resolvido a ir morar contigo!...

### A uma gentil Senhora que me apoda de ateu...

Eu cá não sou ateu, Senhora, pode crer...  
Lá *panteísta* sou—o que é muito diferente...  
Estremeço o Universo?—E' um Livro que sei lêr:  
A Terra, o Mar e o Espaço!—Adoro-o imensamente!...

Depois eu tenho aqui, Senhora, pode ver,  
Um coração que bate, e bate doidamente,  
Todo desfeito em Dor, se acaso vê Sofrer,  
Seja êle Ave, Réptil, seja êle Fera ou Gente!...

Quem pensa e sente assim será acaso ateu!?...  
Então só será *crente* aquele que afirmar  
Que lá em *Cima* há um *Senhor do Ceu!*...

Setembro de 1926.

O *crente*, para mim, é aquele que beijar  
Sempre co' mesmo beijo a Paz e o Escarcéu!...  
—Olhe, minha Senhora, aprenda a *rosinhar!*...

### E como fim, por hoje, estas quadras soltas... e disparatadas...

A' meia noite, padeiro,  
Não te ergas p'ra fazer pão...  
Que êle há tanto sapateiro  
A q'rer tocar violão...

'Scorregar não é cair,  
Mas há quem 'scorregue e... caia...  
A's vezes ponho-me a rit  
De *certa gente cambaia*...

A água desgasta a pedra:  
E' o caso da água mole...  
Há tanto bruto que medra  
Sempre de costas ao... sol!

A grão a grão a galinha  
Enche o papo sempre emfim...  
Eu conheço tanta *alminha*  
Que é só cheia de... selim!...

Não vai o burro ao mercado  
Lá por ter comprida orelha...  
Há cada *tipo-arreado*  
Que nos dá cada *parelha*!!!...

«Largos dias tem cem anos»  
E' um rifão bem verdadeiro...  
Jesus! que há tantos *fulanos*  
A pedirem... marmeleiro...

DELFIN DE VIMARANES.

em circular de que a Censura não tinha que conhecer.

Houve, contudo, quem, dentre os nossos correligionários, não concordasse com a nossa deliberação. Supuseram que a continuação do ataque, enérgico e veemente, se tornava indispensável; não quiseram crer que pouco vale a

E tomaram atitudes e cometeram actos e anunciaram propósitos, que escapam ao âmbito daquela serena e altiva posição em que, quem dispõe da força e da razão que nos assiste, sempre se deve manter.

Cumpre-nos impedir que se saia do campo em que, nobre e desassombadamente, nos colocamos: guerrilhas? para quê? Não se compadece esse sistema de combate com a imponentia da nossa força, o justifica.

Tenhamos a indispensável serenidade e ponhamos tudo no seu verdadeiro lugar. A situação não é alarmante; pelo contrário; é tudo quanto há de mais

comezinho. Tranquilizemo-nos; é necessário que se não dê

Querem que a "Velha Guarda" retome o seu posto? Pois bem; aqui estamos de novo, revestidos de tódá a paciência, sujeitando-nos a todos os cortes da censura, fortes e serenos, certos,

### Onde fica Guimarães?

E' vulgar ouvir-se esta pergunta aos grandes salvadores deste país. Guimarães é para êles, como para tantos outros, terra serena de que lhes ficou uma vaga ideia por na escola lhes terem dito que nasceu aqui um rei que se chamou Afonso Henriques.

Ora, pois que há tempos para cá, tantas comissões se tem organizado para ir a Lisboa lembrar a existencia deste povo, e mostrar quanto êle vale, não nos parece desacertado indicar um modo fácil e rápido de abrir os olhos a quem

não nos vê ou não nos quer ver.

O imposto sobre as transações serve, incontestavelmente para medir a importância, a actividade, o labor de um povo. Mostra e mede as qualidades de trabalho, de desenvolvimento e progresso de um concelho.

Pois digam essas comissões que o imposto sobre transações em Guimarães, no ano económico de 1924 a 1925, rendeu mais de 1000 contos, ou seja quasi tanto como todos os outros concelhos do districto, incluindo o de Braga.

Acrescentem que a importância das transações efectoadas em Guimarães, no ano referido, foi maior do que a de qualquer dos seguintes districtos: Beja, Bragança, Évora, Guarda, Portalegre, Viana do Castelo, Vila Rial e Viseu. Salientem bem que se não trata de comparar concelho com concelho: compare-se o concelho de Guimarães com districtos inteiros, e a vantagem ainda fica para Guimarães.

Pode ser que, por esta forma, os grandes homens se comecem a aperceber de que isto é alguma coisa dentro do país.

Oxalá.

ESTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA.

### António Maria da Silva

O nosso presado colega A *Voz da Justiça*, da Figueira da Foz, noticiando a visita que o illustre homem público fez á formosa praia, acrescenta, a propósito:

«Apresentamos os nossos respeitos ao illustre estadista, aproveitando o ensejo para lhe dizer que os republicanos da Figueira tem na mais alta consideração o homem probo e enérgico que tem posto de parte tódas as vantagens pessoais, a quem o seu alto valor poderia dar tódas as facilidades, para inteiramente se dedicar, não poucas vezes com grave risco da própria vida, ao serviço do seu país e das instituições republicanas.

Não se pode esquecer, na Figueira, como, de resto, em tódá a parte, que António Maria da Silva foi o grande ministro do Fomento em 1913 no gabinete em que Afonso Costa, como incomparável ministro das Finanças, conseguiu equilibrar as contas publicas; foi êle quem, depois do fracasso do gabinete Cunha Leal, após o torvo 19 de Outubro, conseguiu constituir um Governo que, sem violências, julgou tódas as desordens, fez julgar e punir os criminosos, iniciou uma política financeira de justo sacrificio que fez atripiar a marcha em que iamos para o abismo e reconduziu, emfim, a nação para a tranquilidade de que, a largos passos, se ia afastando.

E não pode esquecer-se ainda que no seu último Governo, de curta duração, conseguiu dominar a gravíssima questão do Banco Angola e Metrópole, que ameaçava lançar o país na maior perturbação, e através de tudo, resolveu a questão dos tabacos, defendendo os altos interesses do Estado contra as diversas cáfilas que pretendiam submetê-los aos seus interesses particulares, e, por forma tal, que, não obstante se ter levado o país até á revolução, ainda hoje essa solução, altamente moral, está de pé.

E' talvez, ainda cedo para falar. Mas, quando António Maria da Silva quiser dizer ao país o que foi o trabalho realizado e o esforço do seu último Governo, ver-se-há que a sua obra tem perfeita orientação e espirito de continuidade e é inspirada pelo mais perfeito ideal republicano e patriótico e... potique António Maria da Silva, no seu perfeito e democrático impessoalismo, na sua admirável e generosa isenção, sabe interpretar o grande sentimento republicano que domina o nosso partido, que é, quer queiram quer não queiram os seus detractores,

**Aves de arribação**

Morreu em Guimarães a velha fidalguia. Não digo a aristocrática gentinha de rígida envergadura genealógica; essa ainda vive e viverá para a empáfia do milagroso sangue azul. Digo as fidalgas gerações desses baírristas que em prol da terra mostrariam ser vermelho o conteúdo das soas veias. Fidalguia é o fino trato na maneira de interpretar — é a ciosa vontade de zelar o brilho dos nossos atributos. Nem eu me referia ao apelido boçal que pretende dar a certas camadas brasonadas a primazia animalógica.

Após o 28 de Maio, caiu na região a pestilenta fúria dos *magnates* numa caricata balbúrdia, num cáustico regabofe. Lá, das culminâncias do mando, foi deliberado por estratégia militar, que esta quadra pacífica requer, o retiro, se não o extravio, do regimento de infantaria n.º 20 com as respectivas bandeira e banda.

Reagiu-se e houve irritações. Mas a deliberação foi cumprida, o facto consumado. E as comissões? Olham fixamente para o ponto de interrogação. As comissões foram pescar nas águas turvas.

O sr. Carmona entendeu por bem...

E não sabiam dizer-lhe que nasceu para estas bandas D. Afonso Henriques, o primeiro herói das armas portuguesas? Que Guimarães teve sempre uma realçante importância no bom sucesso das empresas lusitanas? Que isto não era terra de gentios? Que havia bom e ruim como em toda a parte, mas não como no sertão?! Não sabiam levar-lhe enfim *uns rudimentos de História Pátria?*

Não se explica tamanho desbarato. E' mesmo incontestável a repulsa que sentimos na momentosa catástrofe. Esses bonequinhos de papel, fisingando por *révanche* as mais invioláveis aspirações, dão mesmo a ideia típica de alguém que presunçosamente valentias, na microcefala esperança duma estátua em que realce a bigodeira arripada. O 20 de infantaria mudou para a Figueira da Foz — só o 20, porque os seus homens tomam aqui o n.º 2 de metralhadoras. Mas a bandeira, o venerando símbolo de alguns bravos, foi levada com a sua *Cruz de Guerra* ganha heroicamente nas lides da Flandres pelos soldados de metralhadoras quando ostentavam nos barretes o n.º 20, honrado e distinto por nobres sacrifícios. Urge dar a César o que é de César. A bandeira é nossa. Aquela música pertence-nos. Ou Guimarães representa o que de facto vale, e nesse caso é justa a nossa intransigência — ou representa apenas o que os espíritos arbitrários lhe concedem, e neste caso é gémea de Paio Pires. Ora, a terra de Paio Pires nunca pagou contribuições. Não as paguemos nós também até que uma satisfação nos seja dada. Façamos uma frente indestrutível a esses estranhos que veem profanar o santuário da nossa glória usurpando-nos a bandeira que a Pátria abençoou. Nem sei que ideia fazem, lá do alto, desta cidade, velhinha e mais velhinha ainda que o nome pátrio, nome glorioso que esta terra viu nascer e acalentou.

Porque nos roubam esse trofeu? Porque assim desalmados, escarnecem as cans daquela que devia merecer-lhes a homenagem dum culto?

Este nosso torrão tem direitos genuínos que uma contribuição pesada lhe estriba e assegura. Paga, como as que mais pagam, uma boa parcela de capital. Enfim, tudo nos protege a dentro da equidade. Não importa que negrem antros onde se trame a sua nulidade. Guimarães ha-de reagir, revigotar. O que é nosso, nosso fica — certo como estou da transi-

tória pasmaceira desta sandice. A banda partiu. Foi deliciar os habitantes de Tavira, a longínqua cidadezita do sul. Pudera! Lá também se gasta música. E vejam a que ponto levam o seu escárnio, preferindo a Guimarães uma cidade que, sem melindres, em nada se aproxima deste cantão minhoto. Provoca a gargalhada essa deliberação. Para variar...

Mas pensemos: se unidos campearmos, por amor deste cantinho, não teremos como certa uma vitória? Creiamos no futuro.

Não é possível que um governo culto, e bem intencionado, redobre de energia para cuspir uma terra de importância, tal como a nossa tem. Menos possível ainda é o facto de com isso se atender às exigências estratégicas, porque a banda — vá lá o exemplo — não influi naturalmente nessas manobras. As manobras são outras. Duas coisas se revelam como prováveis motores deste fracasso; e são elas —

Dessas proposições supra-escritas é que é de duvidar. Qual delas será realmente a origem inextinguível de represálias? Há opiniões.

E Guimarães, o berço de honrados barões, vultos gloriosos que encheriam de per si a história dum povo, anda ao capricho das opiniões!

E Guimarães, a laboriosa cidade que enche os cofres do Estado, fica obscura para satisfazer a mesquinha vaidade de alguns... bons homens. E Guimarães, a cidade Pátria por excelência, é rudemente trucidada.

As aves, como hei dito, voltam por aí com o seu enfermigo estrangeirismo. Abotdam aos pares para espezinhar as colheitas da região. Valha-nos a glória de as sabermos pouco duradouras. Elas o sentem já.

E nós vamos atmar alçapões.

Xyz.

**"O Comércio de Guimarães,**

Este nosso prezado colega, que sempre tem sabido defender as suas ideias e princípios, dentro das normas da correcção, qualidade que, infelizmente, por ser hoje tão rara, merece ser salientada, dirigiu-nos palavras de boa camaradagem e simpatia que muito nos sensibilizaram, a propósito da nossa forçada suspensão.

Agradecemos-l'as muito sinceramente.

**Dr. Bernardino Machado**

A comemoração do aniversário da República, este ano, não podia ser, como nos anteriores, uma simples expansão de regosio, mais ou menos ruidosa e entusiástica. Horas graves e, sobretudo, muito tristes, se estão passando. Não há motivo para que a fé nos abandone, mas sentimo-nos humilhados e magoados, como portugueses perante os estranhos, como republicanos perante a nação.

O Partido Republicano Português, neste concelho, entendeu, e muito bem, que na conjuntura em que nos encontramos, necessitava de tomar, na data gloriosa de 5 de Outubro, uma atitude que vincasse bem a sua posição serena e firme.

Os seus sentimentos e o seu pensamento condensaram-se numa homenagem calorosa a quem, simbolicamente, na hora presente, a alma da Pátria, o grande português, Dr. Bernardino Machado.

A Sus Ex.<sup>a</sup> foi dirigido o seguinte telegrama.

Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Bernardino Machado. — Caldas de Moledo.

Desejava a Comissão Municipal Republicana de Guimarães levar

hoje pessoalmente a V. Ex.<sup>a</sup>, acompanhada por todos os correligionários que o pudessem fazer, as saudações que V. Ex.<sup>a</sup> merece, pelas suas tão altas e tão nobres qualidades de cidadão, pelo fulgor do seu talento e saber, e pelos incalculáveis serviços de que a Pátria e a República lhe são devidores.

Essas saudações, neste dia e na hora presente, teriam um significado especial do muito amor que temos pela Pátria, que de V. Ex.<sup>a</sup> se orgulha, e pela República, que em V. Ex.<sup>a</sup> tem o mais venerando e o mais vigoroso dos defensores.

Não o podemos fazer, pela incerteza de o encontrarmos, mas, desde já lhe pedimos autorização para lhe rendermos o preito da nossa calorosa homenagem, na primeira oportunidade, e, entretanto, permita V. Ex.<sup>a</sup> que, por este meio, e, como a maior e melhor demonstração da nossa fé de republicanos e de certeza em melhores dias para a nossa Pátria, lhe apresentemos os mais sinceros protestos do nosso muito respeito, simpatia e admiração.

Dr. Mariano Felgueiras, deputado e presidente da Comissão Municipal; Dr. Alfredo Fernandes, médico; José Mendes Ribeiro, industrial; Porfirio Mendes Ribeiro, industrial; Francisco Correia, industrial; Augusto Pinto Lisboa, industrial; José Correia Guimarães, industrial; José Fernandes Guimarães, comerciante; P.<sup>o</sup> Alfredo Correia, professor; Manoel Jesus de Sousa, farmacêutico; António José Ferreira da Cunha, comerciante; Avelino Faria Guimarães, comerciante; José Fernandes Ribeiro Gomes, secretário da administração; Bernardino Jordão, industrial; Agostinho Fernandes Rocha, comerciante; António Jesus Teixeira, proprietário; Afílio da Silva Oliveira, industrial; António Francisco Ferreira de Castro, comerciante; Vitorino Simões Sampaio, proprietário; João Abreu, tesoureiro municipal; Dr. António José da Silva Basto Junior, notário; Dr. Florencio Lobo, advogado; Francisco Guise, funcionário publico; Albino Cardoso, comerciante; António Alves Martins Pereira, comerciante; Alberto Gomes da Silva, comerciante; António Ferreira, comerciante; Alberto Carlos Abreu, empregado comercial; Augusto Mendes, comerciante; Avelino Ferreira Meireles, comerciante; Manoel Fernandes Braga, comerciante; Américo Alves Ferreira, empregado comercial; Francisco Ribeiro de Castro, comerciante; João da Cunha Monteiro, comerciante; Manoel de Sousa Guimarães, proprietário; José de Castro Ferreira Lobo, professor; Alcindo Dias Pereira, proprietário; António José Ribeiro, proprietário; António de Sousa Guise, industrial; Dr. Filinto Elisio Vieira da Costa, professor; João José da Fonseca, industrial; Francisco Pereira Quintas, industrial; António Ribeiro Venâncio, industrial; Mário Pinto Leite, industrial; Domingos Leite Correia Azenha, proprietário.

José Fernandes Martins, capitalista; António Carmo Pinto Almeida, empregado comercial; José Roriz, funcionário publico; José Pinto Almeida, comerciante; Augusto Ribeiro Faria, proprietário; Eugénio Leite Basto, comerciante; Luís Pina Guimarães, proprietário; Abel de Vasconcelos Cardoso, professor; Alberto Teixeira Carneiro, industrial; António Pina, professor.

Jacinto Guimarães, empresário; Anibal Falcão Ribeiro, aspirante de finanças; Artur Francisco Couto, estudante de direito; João Teixeira, comerciante; Avelino da Silva Guimarães, industrial; Emilio Pereira Macedo, empregado comercial; Manoel Fernandes de Oliveira e Castro, guarda livros.

Henrique Pires, empregado comercial; Lucio Carvalho, empregado comercial; Arnaldo Alpoim, funcionário publico; Bento Mendes, empregado comercial; João Esteves, proprietário.

José Gouveia Ramos, empregado comercial; José Gonçalves, pintor; Alberto Ribeiro Pinheiro, industrial; Joaquim Cardoso Guimarães, comerciante; Joaquim de Sousa Neves, industrial; António da Silva Lima, proprietário; Domingos Duarte, funcionário publico; Manoel Ferreira Guimarães, proprietário; Joaquim Mendes Guimarães, proprietário; José Soares Moreira, capitalista; José Faria, proprietário; Francisco Sousa, industrial; Agostinho Martins Rocha, funcionário publico; Fortunato Silva, escrivão ajudante; Joaquim Leite Monteiro, capitalista; João Sousa Guise, empregado comercial; Luíz Filipe Coelho, jornalista.

Hermenegildo Freitas Guimarães, ferroviário; Alvaro Neves Castro, guarda livros; João Pedro Baptista, empregado comercial; Joaquim José Novais, industrial; António Sampaio Oliveira, sargento; António Mendes Guimarães, empregado comercial; José Freitas Guimarães, industrial; J. Ferreira Feliz, empregado comercial; Abel Oliveira Basto, comerciante; Artur Mascarenhas, tenente; Fernando Freitas Guimarães, empregado comercial; Francisco da Cunha Mourão, industrial.

Alberto Ribeiro Figueiredo, empregado comercial; Bernardino Torcato Ribeiro, empregado comercial; Pedro Freitas, empregado comercial; Vicente Fonseca Abreu, comerciante; João Madureira, comerciante; Abel Martinho, comerciante; Avelino Mendes Ribeiro, empregado comercial; Domingos José Pires, proprietário; João Mota Ribeiro, empregado comercial; António Sousa, funcionário publico.

José Mendes, funcionário publico; João Bravo, industrial; Francisco Gonçalves Guimarães, proprietário; José Teixeira, comerciante; Joaquim Almeida Guimarães, professor; Manoel Pereira, industrial; Joaquim Ribeiro de Moura, industrial; Gaspar Lopes Ribeiro, industrial; Dr. Augusto Luciano Guimarães, industrial; Belmiro Mendes Oliveira, industrial; Zeferino Cardoso, proprietário; Amadeu Almeida, professor.

Ernesto Pereira Silva, industrial; Alfredo Pinto, médico; Francisco Silva Guimarães, industrial; Gaspar Leite Cardoso, proprietário; José Fernandes Abreu, industrial; Joaquim Leite, funcionário publico; Francisco Correia, empregado comercial.

(Continua).

**MOBÍLIA**

Vende-se diferente mobília, incluindo a de sala de jantar. Para vêr e tratar no Cano (Casa de Travassos).

**Máquina fotográfica**

Vende-se uma de 13 x 18, com disparador automático, tripé e mais acessórios. Informa-se: Rua da República, 88.